

# O que aprendi com Paulo Freire: Lições de vida, teoria e política

ANA MARIA SAUL

---

## *Resumo*

Esse texto visa a responder as duas questões que me foram feitas pela Dra. Ana Cruz, como roteiro para a elaboração dos artigos para esse número especial do *International Journal of Critical Pedagogy*, destacando o que aprendi com Paulo Freire e a contribuição de Nita Freire na vida de Paulo. Responder à primeira pergunta: O que aprendi com Paulo Freire, demandou de mim um grande esforço de síntese. Poucas são e serão as linhas de um texto para dizer do muito que aprendi com Paulo Freire. Sintetizo a minha vivência de trabalho dos 17 anos que partilhei com ele o espaço da sala de aula, e estando ao seu lado como gestor de uma rede pública de educação, como um grande aprendizado de política, de teoria e de prática. Porém, mais do que um aprendizado, o privilégio de aprender lições de vida com um homem que surpreendia, especialmente pela sua coerência. Nesse esforço de síntese, destaco a contribuição de Nita, sua segunda esposa, em sua decisão de retomar a vida e voltar a amar. Tendo convivido com o casal e por vezes privando de momentos de seu cotidiano, permito-me, também, mencionar e reviver algumas memórias dessa convivência.

## *Abstract*

This text aims to address the two questions I was asked by Dr. Ana Cruz as a guide for the preparation of an article for this Special Issue of the *International Journal of Critical Pedagogy*: highlighting what I learned from Paulo Freire and the contribution of Nita Freire to Paulo Freire's life. Answering the first question: what I learned from Paulo Freire, demanded from me a great effort of synthesis. Too few are and will be the lines of text to express how much I learned from Paulo Freire. I summarize my experience of 17 years of work, during which I shared with him the space of the classroom and stood beside him as the administrator of a public education system, as a great learning experience of policy, theory and

practice. However, more than a learning experience, the privilege of learning life lessons with a man who surprised, especially for his consistency. In this synthesis, I highlight the contribution of Nita, his second wife, and his decision to resume life and love again. Having shared moments with the couple, including everyday life moments, allows me to mention and relive some memories.

## PRIMEIRAS PALAVRAS

**A**ceitei com satisfação o convite da Dra. Ana Cruz para escrever um breve texto para esse número especial do *International Journal of Critical Pedagogy*. Por ter trabalhado por largo tempo com o Professor Paulo Freire e com ele ter mantido uma fraterna amizade, tive oportunidade de conhecer Nita Freire, sua segunda esposa, por quem Paulo se enamorou, considerei que poderia escrever esse texto, respondendo às duas perguntas que me foram apresentadas como roteiro para esse artigo: O que você aprendeu com Paulo Freire? e O que significou Nita na vida de Paulo? Vou fazer uma breve síntese do que aprendi com Paulo Freire, na trajetória de 17 anos partilhados com ele em minha trajetória profissional registrando, inclusive algumas memórias do cotidiano, por ter privado dessa relação de amizade que me aproximou da convivência do casal.

## O QUE APRENDI COM PAULO FREIRE

Poucas são as linhas de um texto para dizer do muito que aprendi com Paulo Freire. Costumo sintetizar a minha vivência de trabalho com Paulo Freire, enquanto professor e gestor de uma rede pública de educação como um grande aprendizado de política, de teoria e de prática. Porém, mais do que um aprendizado, o privilégio de aprender lições de vida com um homem que surpreendia, especialmente pela sua coerência.

Paulo Freire foi professor da PUC/SP, no Programa de Pós-Graduação: Educação (Currículo), depois de sua volta do exílio, pelo período de 17 anos (1980-1997). Tive a grande felicidade de partilhar com ele, pelo período de quase duas décadas, o espaço da sala de aula, dirigindo os seminários das terças – feiras à tarde e por isso posso testemunhar a coerência entre o seu “fazer docente”, originado de sua reflexão sobre sua prática, e do diálogo constante que manteve com educadores e educandos de diferentes países do mundo, e as suas proposições político-pedagógicas.

Em 1979 tive a chance de ver Paulo Freire ser recebido no teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, quando ele retornou do exílio.

Passei a trabalhar com Paulo Freire em 1980, convidado que foi pela PUC/SP, para ministrar aulas no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo.

O Programa onde trabalhávamos passou por uma reformulação, propondo seminários para orientar a pesquisa dos alunos, Paulo Freire e eu fomos incumbidos de coordenar os seminários, em conjunto.

Tínhamos um contato semanal em sala de aula, partilhando a docência e nos encontrávamos, também, em reuniões do Programa e em momentos de planejamento dos seminários.

Para o planejamento dos seminários Paulo Freire costumava “me chamar” para um almoço ou um café em sua casa; depois “partíamos”, como dizia ele, para fazer o planejamento. Ele procurava sempre ouvir o que eu estava pensando em relação ao próximo semestre, dialogávamos bastante e chegávamos às propostas. Ele fazia questão de ressaltar que os nossos desejos, os nossos sonhos de professores seriam confrontados com os sonhos dos alunos e por isso propunha que a primeira coisa que faríamos em sala de aula seria discutir a proposta de trabalho dos seminários. Considerávamos, para a elaboração do plano, as expectativas dos alunos, as possibilidades de tratamento da temática, as avaliações dos semestres anteriores feitas pelos participantes do seminário. Procurávamos nesses encontros preparatórios, dialogar sobre os nossos desejos, os nossos sonhos, de professores. Esses diálogos com Paulo Freire sempre foram muito produtivos, ricos e fraternos.

No primeiro dia de aula ele se preocupava inicialmente em ouvir os alunos para que as suas necessidades e expectativas estivessem contempladas na proposta de trabalho a ser desenvolvida no semestre. Isso era feito numa sala de aula arrumada em círculo, ambiente propício ao diálogo, onde todos os participantes podiam se ver face a face e onde Paulo Freire podia “tocar” alguns dos participantes da roda, que estavam a sua direita ou a sua esquerda, colocando delicadamente a mão sobre seus ombros; fazia isto em alguns momentos, num gesto muito espontâneo, como se quisesse ser melhor entendido ou, ainda, para chamar o seu interlocutor à participação. Quem conviveu com Paulo Freire e teve a oportunidade de estar mais perto dele, seguramente, vai se lembrar da expressividade dos seus gestos. Ele era um homem que falava com as mãos.

Na condução do trabalho de sala de aula Paulo Freire fazia questão de estimular os alunos a falar sobre seus projetos, ainda que estes não estivessem detalhados ou totalmente claros. A partir desse relato, ou intenções de pesquisa, passava-se a um segundo momento em que se trabalhava com as diferentes temáticas, encontrando-se os eixos importantes e os “fios comuns” entre os projetos. De um modo recorrente, nas análises, surgiam, com prioridade, os seguintes conceitos: justiça social, poder, liberdade, democracia, utopia, ética, construção do conhecimento, compromisso social, formação do educador, educação como ato político, leitura da realidade, valores do ser humano.

A presença de Paulo Freire na sala de aula sempre foi muito querida, marcante e significativa. A sua atuação na aula era discreta. Apesar de ele saber que a sua palavra fazia diferença, com humildade autêntica, raramente era o primeiro

a falar. Exercitava, assim, um dos saberes que em seu último livro apontou como necessários à prática educativa: “saber escutar.” Ouvia a todos atenta e respeitosa-mente e ficava à vontade para interferir, sempre que julgasse oportuno, ou quando alguém do grupo a ele se dirigia. Nesses momentos, ouvíamos sua voz mansa que revelava, porém, uma postura forte que convidava a pensar sobre os desafios por ele apresentados, na direção de uma leitura crítica do mundo, na defesa intransigente da ética do ser humano e da luta a favor dos oprimidos.

Os encontros com Paulo Freire sempre foram reflexivos, interessantes, fraternos e surpreendentes. Era admirável a sua clareza de análise do mundo! Inquieto e instigante, buscava sempre a coerência entre sua prática e seu pensamento, mostrando-se indignado com as injustiças sociais. Revelava sempre, no entanto, coragem, humildade e esperança.

A grande oportunidade que tive de conviver e aprender com Paulo Freire, na Universidade, ampliou-se e aprofundou-se quando fui por ele convidada para dirigir a reorientação curricular da Secretaria Municipal de Educação do Município de São Paulo e coordenar o programa de formação permanente dos educadores. Trabalhar na equipe Paulo Freire, enquanto Secretário da Educação, foi uma experiência inusitada.

Em nossos encontros de quase todas as manhãs, no seu gabinete, em um edifício da Avenida Paulista, eu encontrava um homem alto, elegante, de terno e gravata, cabelos brancos, quase sempre longos, com suaves ondulações sobre os ombros. Bem disposto, chegava com pontualidade nas primeiras horas da manhã. Mostrava sempre a sua preocupação com os aspectos mais gerais da política educacional. Surpreendia-me o modo criativo e concreto com que ele tratava o cotidiano. Quem imagina o Secretário Paulo Freire como alguém que manejava tão somente as diretrizes mais gerais da Secretaria da Educação, engana-se.

Com a experiência dos seus setenta anos e com a autoridade de um saber, reconhecido por muitos povos do mundo, tinha sempre algo novo a propor, na perspectiva de por em ação a política mais geral, avançando passo a passo, rumo à construção de uma escola pública, popular e democrática.

Experimentei com Paulo Freire o verdadeiro sentido do que é participação. Muito ao contrário da falsa participação que manipula colaboradores, centralizando todas as decisões nas mãos do chefe e delegando apenas a execução de tarefas, a participação, na equipe de Paulo Freire, assumiu o mais radical dos significados, caracterizando-se verdadeiramente como uma participação em nível político. Isto significou, efetivamente, compartilhar decisões. No cotidiano difícil, demandante, desafiador da educação na cidade de São Paulo, na construção de uma gestão democrática, pude experimentar com Paulo Freire a sua disposição para o diálogo, a demonstração de sua tolerância, de uma paciência/impaciente e um toque de paixão em tudo o que ele fazia.

Quando Paulo Freire já não estava entre nós, em sua homenagem, a PUC/SP criou, no 2º semestre de 1998, a Cátedra Paulo Freire, sob a direção do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo.

Na PUC/SP, temos entendido a Cátedra como um espaço para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre e a partir da obra de Paulo Freire, focalizando as suas repercussões teórico-práticas na área da educação e a potencialidade de a pedagogia freireana fecundar novos pensamentos. Em outras palavras, homenageamos Paulo Freire do jeito que entendemos que ele gostaria de ser homenageado, estudando com rigorosidade o seu pensamento, para compreendê-lo e para recriá-lo.

A Cátedra vem desenvolvendo uma ampla pesquisa cumulativa que busca mapear e analisar a “Presença do pensamento de Paulo Freire nos sistemas de educação, no Brasil, a partir da década de 90”. Os resultados desta pesquisa serão registrados em uma ferramenta virtual, conectada ao site da Cátedra: [www.pucsp.br/paulofreire](http://www.pucsp.br/paulofreire), com o objetivo de sistematizar informações e adensar a massa crítica de dados que possam subsidiar pesquisadores e gestores de políticas públicas de educação, na perspectiva crítico-emancipadora, possibilitando-lhes analisar e recriar políticas e práticas.

Paulo Freire deixa saudades pela sua lucidez de interpretação dos fatos do mundo, pelo seu poder de indignação, por seu contagiante amor à vida e ao ser humano, por sua luta incessante pela justiça, pela liberdade e por sua presença solidária e sempre amiga.

## A PRESENÇA DE NITA NA VIDA DE PAULO FREIRE

Paulo Freire ficou muito abalado com o falecimento de sua primeira esposa Elza. Eu pude acompanhar a sua profunda dor em constantes visitas que lhe fazia. Muitos desses encontros, na penumbra de sua sala, foram momentos de partilha de seu silêncio, tristeza e solidão. Em outros, já um pouco refeito, ele filosofava sobre a morte, a presença na ausência, sobre a vida, sobre o amor.

Em uma noite de sábado, de 1988, já decorridos alguns meses do acontecimento que lhe arrebatara a alegria e o gosto de viver, eu o convidei para jantar em minha casa, com minha família. Ele aceitou o convite e à véspera do jantar telefonou-me, perguntando-me se poderia levar uma amiga. Evidentemente que eu concordei e foi nessa noite que conheci Nita, essa amiga que o acompanhava. Percebi, naquela noite que ele já a observava com muita atenção e um certo interesse. Em dezembro desse mesmo ano, estávamos em um jantar de confraternização organizado pelos professores da Pós-Graduação, em um restaurante de hotel. Paulo Freire chegou para esse jantar com Nita. Ele já parecia mais animado e, transcorrido pouco mais de uma hora, ele me chamou de lado e “me segredou” que estava namorando Nita. Queria que eu fosse a primeira a saber, disse ele, por

causa de nossa amizade. Fiquei feliz por ele e por privar de sua confiança. Ele estava disposto a retomar a vida. Em outras palavras, ele passava a olhar, novamente, a 'boniteza' da vida. Assoviava, cantarolava baixinho suas músicas preferidas como "As rosas não falam", do compositor brasileiro Cartola e ouvia de novo, com prazer, as obras dos seus clássicos prediletos, como Vivaldi. Nita o estimulava e o impulsionava a fazer coisas de que ele gostava como passear, ir ao cinema, aceitar convites de trabalho, no Brasil e no exterior. E ele retornou com vigor ao trabalho. Ela o acompanhava em todas as viagens e vivia o cotidiano, com carinho e amor, de modo que ele se sentisse novamente confortável e feliz diante da vida.

Com formação em História da Educação Nita se dedicou a escrever, a pedido de Paulo, notas explicativas em vários de seus livros tendo sido, o primeiro deles, a *Pedagogia da Esperança*: um reencontro com a *Pedagogia do Oprimido*. Paulo Freire valorizava muito essa colaboração de Nita em seu trabalho. Na dedicatória de *A Sombra dessa Mangueira*, Paulo Freire escreve: "A Ana Maria, Nita, minha mulher, com meu agradecimento, mais uma vez, pelas notas cuidadosamente trabalhadas com que vem melhorando meus livros."

Nada mais expressivo, a respeito do novo amor de Paulo Freire, do que registrar aqui uma parte do seu pronunciamento em discurso que pude presenciar, por ocasião da cerimônia que lhe outorgou o título de Doutor Honoris Causa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Em suas palavras de agradecimento ele assim se manifestou em relação a sua coragem de amar de novo: "Tive a coragem de casar, de amar outra vez! Vivi momentos de culpa ao olhar uma rosa bonita! Amando essa outra mulher encontrei o mundo! Quem não é capaz de amar tem que se rever. Dedico esse título à memória de uma e à vida de outra!" Paulo decidiu entregar seu coração a um novo amor após a morte de sua primeira esposa, Elza. Muitos puderam compreender, com esse seu exemplo de vida, o significado de ter um novo amor.

Tive oportunidade de freqüentar várias vezes a casa de Paulo e Nita, no Sumarezinho, em São Paulo, quer para trabalhar com Paulo Freire, preparando as nossas aulas ou ainda, discutindo questões ligadas à Secretaria da Educação, quer participando de momentos mais descontraídos da vida do casal, em que se comemoravam datas festivas. Conheci e saboreei, nas refeições cotidianas, muitos pratos nordestinos que eram cuidadosamente preparados por Nita ou com a supervisão dela. Paulo Freire apreciava muitíssimo esse momento de convivência, na hora da refeição, precedida por um gole de cachaça, degustado com prazer em copinhos de vidro ou naqueles de aço escovado, que trouxera de presente, recebido na Suíça. A hora da refeição era o momento de apreciar a comida, à qual sempre eram feitos elogios à preparação e ao sabor. Depois, então, um indispensável café - quer se tivesse uma agenda de trabalho ou alguma outra, mais descontraída. Não posso deixar de me lembrar, também, com alegria e saudade de alguns convites que tive para passar finais de semana no sítio de Nita, o Poço da

Panela, no município de Itapevi. Paulo sempre tinha um “um bom pretexto” para atrair amigos de trabalho para passar um domingo ou fim de semana com o casal. “Vamos discutir um tema que está nos preocupando ou preparar a gravação de um livro dialogado,” dizia ele na hora do convite, sem deixar de fazer referência à boniteza do sítio e ao quanto seria agradável passar um domingo no sítio de Nita. De fato, o Poço da Panela era muito agradável, bonito, bem cuidado e lá tínhamos sempre muito boas escolhas planejadas para o almoço, lanche ou jantar. Não me foge da memória uma passagem de ano ao lado de Paulo e Nita. Fomos ao sítio de Nita em um 31 de dezembro para cumprimentá-los e voltar para a meia noite, em São Paulo. No final da tarde, nuvens escuras desabaram sobre a região do sítio e a água tornou a estrada intransitável. Recebemos o gentil convite do casal para cear com eles e assim já brindariamos o Ano Novo. Aceitamos com alegria e gratidão o convite e passamos a ‘auxiliar’ Nita na finalização da ceia. Paulo ajudou na arrumação da mesa e, ao final, a levar a louça para a cozinha. Ocupou-se de lavar os copos e se propôs a me ensinar a lavar copos de um modo especial que ele aprendera, nos Estados Unidos. Eu aceitei de bom grado! Conversamos e rimos muito nessa virada de ano. Foi um encontro memorável!

Nita assumiu o compromisso e a responsabilidade de manter vivo o legado de Paulo Freire, ao lado do grande número de pesquisadores e educadores, ao redor do mundo. Segue cuidando de seus escritos, quer publicando manuscritos que ainda não haviam sido publicados, quer reeditando seus livros e divulgando sua obra em palestras e entrevistas.

Tem contribuído com a organização de novas produções, incluindo textos de Freire e de outros autores, com especial destaque para a biografia de Paulo Freire.

## REFERENCES

- Freire, A.M.A. (2006). *Paulo Freire: Uma história de vida*. Indaiatuba: Villa das Letras.
- Freire, P. (1991). *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (1995). *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d’Água.
- Saul, A.M. (1998). A construção do currículo na teoria e prática de Paulo Freire. In M. Apple & A. Nóvoa (Eds.) *Paulo Freire: Política e pedagogia* (151-165). Lisboa: Porto Editora.
- Saul, A. M. (1999). *Paulo Freire: Vida e obra de um educador*. In D. R. Streck et alii (Eds.). *Paulo Freire política e pedagogia*. Petrópolis: Editora Vozes.